

**A Velocidade da Comunicação,
o Choque do Futuro,
a Questão Ética
e a Educação Pré-Escolar**

Luiz Lobo

A Velocidade da Comunicação,
o Tempo do Futuro,
e a Questão Ética
e a Estratégia Pré-Externa

Luis Lobo

1998

1. *A Velocidade da Comunicação e o Choque do Futuro*

Tomemos, apenas, os 50 mil últimos anos do homem na Terra. Se dividirmos por 62 anos e meio, que é a média da expectativa de vida em nosso planeta, teremos 800 gerações. A representação gráfica da humanidade pode ser uma linha reta com oito metros de comprimento, cada centímetro significando uma geração.

Seis metros e meio foram vividos nas cavernas e o homem quase não fazia cultura, por um motivo muito simples: praticamente não se comunicava, por falta de uma língua estruturada.

A criança só desenha quando é capaz de concatenar idéias, quando tem maturidade intelectual suficiente para deixar de riscar e rabiscar. O homem começou a desenhar na parede das cavernas apenas a partir do último meio metro daqueles seis e meio que viveu dentro delas. Também é preciso concatenar idéias para falar, e a maioria dos pesquisadores concorda que foi por essa época que os homens puderam comunicar-se oralmente com alguma qualidade.

A partir daí a pouca cultura do homem acelerou-se e ele aprendeu, além de abrigar-se nas cavernas, a usar peles de animais para proteger-se das intempéries, a coletar comida, a lascar a pedra para fazer pontas de lanças que tornavam o seu braço mais comprido na hora de caçar. Mais do que isso, aumentou sua sobrevivência, comendo de tudo, aprendeu a fazer fogo e como conservá-lo.

Toda a tecnologia do homem, na primeira época paleolítica, levava pelo menos 40 mil anos para chegar ao alcance da maioria da população. Com a linguagem, no entanto, acelerou-se a comunicação e, conseqüentemente, a cultura: foram precisos apenas 10 mil anos para que a invenção da roda chegasse ao conhecimento de todos.

Para imaginar e realizar a primeira linguagem escrita (no Egito ou na Mesopotâmia), foi preciso esperar muitas gerações: só no último meio metro da nossa linha de oito metros é que o homem conseguiu uma comunicação mais efetiva de uma geração para outra, através de símbolos escritos que permitiam memória mais exata e melhor transmissão da mensagem.

Segundo o historiador Julian Huxley, a aceleração da evolução humana, durante a história escrita foi, no mínimo, 10 mil vezes mais rápida do que a evolução anterior. Assim, a medida da aceleração do conhecimento passou a ser o milênio.

Democratizar o conhecimento, através da palavra impressa, exigiu que se passassem mais quase 100 gerações. Na representação gráfica a imprensa fica apenas a dez centímetros do final da linha de oito metros.

Na Idade Média, com a palavra impressa, a medida de velocidade do conhecimento passou a ser o século. O problema é que o novo canal de comunicação provocou reações, inclusive da Igreja Católica, que viu nos livros o poder do demônio e do pecado, condenou quem aprendesse a ler e escrever (a não ser que fosse da Santa Madre Igreja) e com isso ficou com o Poder, por muitos e muitos anos. Por outro lado,

Tomemos, apenas, os 50 mil últimos anos do homem na Terra. Se dividirmos por 62 anos e meio, que é a média da expectativa de vida em nosso planeta, teremos 800 gerações. A representação gráfica da humanidade pode ser uma linha reta com oito metros de comprimento, cada centímetro significando uma geração.

Seis metros e meio foram vividos nas cavernas e o homem quase não fazis cultura por uma razão muito simples: praticamente não se comunicava, por falta de uma língua estruturada.

A cultura só descebe quando é capaz de concretizar idéias, quando tem maturidade intelectual suficiente para deixar de riscar e riscar. O homem começou a desceber na parede das cavernas apenas a partir do último metro daqueles seis e meio que viver dentro delas. Também é preciso concretizar idéias para falar e a maioria dos pesquisadores concorda que foi por essa época que os homens puderam comunicar-se oralmente com alguma qualidade.

A partir daí a pouca cultura do homem acelerou-se e ele aprendeu, além de apagar-se nas cavernas, a usar peles de animais para proteger-se das intempéries, a coletar comida, a lascar a pedra para fazer pontas de lanças que tomavam o seu preço mais caro na hora de caçar. Mais do que isso, aumentou sua sobrevivência, comendo de tudo, aprendeu a fazer fogo e como conservá-lo.

Toda a tecnologia do homem, na primeira época paleolítica, levava pelo menos 40 mil anos para chegar ao alcance da maioria da população. Com a linguagem, no entanto, acelerou-se a comunicação e, consequentemente, a cultura: foram precisos apenas 10 mil anos para que a invenção da roda chegasse ao conhecimento de todos.

Para imaginar e realizar a primeira linguagem escrita (no Egito ou na Mesopotâmia), foi preciso esperar muitas gerações: só no último metro da nossa linha de oito metros é que o homem conseguiu uma comunicação mais efetiva de uma geração para outra, através de símbolos escritos que permitiam memória mais exata e melhor transmissão da mensagem.

Segundo o historiador Julian Huxley, a aceleração da evolução humana, durante a história escrita foi, no mínimo, 10 mil vezes mais rápida do que a evolução anterior. Assim, a medida da aceleração do conhecimento passou a ser o milênio.

Democratizar o conhecimento, através da palavra impressa, exigiu que se passassem mais de 100 gerações. Na representação gráfica a imprensa fica apenas a dez centímetros do final da linha de oito metros.

Na Idade Média, com a palavra impressa, a medida de velocidade do conhecimento passou a ser o século. O problema é que o novo canal de comunicação provocou reações, inclusive da Igreja Católica, que viu nos livros o poder do demônio e do pecado, condenou quem aprendesse a ler e escrever (a não ser que fosse da Santa Madre Igreja) e com isso ficou com o Poder, por muitos e muitos anos. Por outro lado,

como decidia o que podia e não podia ser publicado e lido, atrasou o desenvolvimento da humanidade.

Por exemplo: Paracelso descobriu que podia usar o éter como anestésico nas cirurgias, mas os cirurgiões só vieram a ler e aplicar sua descoberta séculos depois. A primeira patente da máquina de escrever é de 1714, mas só 150 anos depois é que as primeiras foram postas à venda. Nicolau Appert descobriu como conservar e enlatar comida, mas seus filhos e netos não comeram enlatados, só produzidos pela indústria alimentícia 100 anos depois.

Nos últimos anos, a velocidade da comunicação, graças ao telefone, ao rádio, ao cinema, à televisão, acelerou-se a ponto de alterar a medida de mudança da cultura para um decênio. Hoje, o fax, o videotexto, os computadores, os *cd-rom* e a Internet permitem a comunicação imediata e reduziram essa medida para menos de um ano, muito menos.

O ritmo cada vez mais acelerado da pesquisa, descoberta, invenção, difusão e exploração comercial faz parte da guerra de consumo, da globalização, da estratégia das indústrias multinacionais. O consumidor, quase a cada dia, é surpreendido e exposto a novidades que, trabalhadas pelo *marketing*, despertam nosso desejo de consumir.

A esmagadora maioria dos bens materiais que usamos e consumimos, reconhecendo como conforto moderno e conquista da vida contemporânea, assim como praticamente toda a tecnologia aplicada em nossos dias, desenvolveu-se nos dois últimos centímetros da nossa linha de oito metros, isto é, no nosso século.

Há uma transitoriedade em tudo, o que cria um clima de impermanência que afeta a todos e abala até os valores éticos e morais. *Ter* é mais importante do que *ser*, e a verdadeira felicidade do consumidor já não é mais *ter*, e sim *ter um novo*.

O futuro está chegando cada vez mais depressa, submetendo-nos a mudanças cada vez mais repentinas e acentuadas. É certo que não estamos biologicamente preparados, nem fomos educados física e mentalmente para a rapidez e o impacto dessas mudanças. Nunca fomos educados para o futuro e nossas escolas, em todos os níveis, ainda são mais voltadas para o passado, para a memória, e não para a adaptação às mudanças, para ensinar a aprender.

Especialistas em comportamento sabem que todas as mudanças são perturbadoras, em algum grau, e que as mais bruscas, inesperadas e profundas são estressantes. Para a maioria das pessoas, inclusive as educadas, a simples idéia de uma mudança radical é ameaçadora, provoca incerteza, insegurança, temor e resistência.

Para descrever a esmagadora tensão e a desorientação que as pessoas sofrem quando estão sujeitas a uma carga excessiva de mudança em um prazo demasiadamente curto, o sociólogo Alvin Toffler criou (em 1965) a expressão *choque do futuro*.

O choque do futuro está aumentando na mesma proporção em que se acelera a comunicação e aumenta a velocidade das mudanças, porque é cada vez maior a diferença entre o ritmo da mudança ambiental e a capacidade de reação e adaptação humana a essas mudanças.

como decida o que podia e não podia ser publicado e lido, atrasou o desenvolvimento da humanidade.

Por exemplo: Paracelso descobriu que podia usar o éter como anestésico nas cirurgias, mas os cirurgiões só vieram a ler e aplicar sua descoberta séculos depois. A primeira patente da máquina de escrever é de 1714, mas só 150 anos depois é que as primeiras foram postas à venda. Nicolaus Apert descobriu como conservar e enlatar comida, mas seus filhos e netos não começaram enlatados, só produzidos pela indústria alimentícia 100 anos depois.

Nos últimos anos, a velocidade da comunicação, graças ao telefone, ao rádio, ao cinema, à televisão, acelerou-se a ponto de alterar a medida de mudança da cultura para um decênio. Hoje, o fax, o videotexto, os computadores, os e-mail e a Internet permitem a comunicação imediata e reduzem essa medida para menos de um ano, muito menos.

O ritmo cada vez mais acelerado da pesquisa, descoberta, invenção, difusão e exploração comercial faz parte da guerra de consumo, da globalização, da estratégia das indústrias multinacionais. O consumidor, quase a cada dia, é surpreendido e exposto a novidades que, trabalhadas pelo marketing, despertam nosso desejo de consumir.

A esmagadora maioria dos bens materiais que usamos e consumimos, reconhecendo como conforto moderno e conquista da vida contemporânea, assim como praticamente toda a tecnologia aplicada em nossos dias, desenvolveram-se nos dois últimos séculos da nossa linha de oito metros, isto é, no nosso século.

Há uma transitoriedade em tudo, o que cria um clima de impetuosidade que atira a todos e abala até os valores éticos e morais. Já é mais importante do que ser e a verdadeira felicidade do consumidor já não é mais ser e sim ter, *ter, ter, ter*.

O futuro está chegando cada vez mais depressa, submetendo-nos a mudanças cada vez mais repentinas e acenadas. É certo que não estamos biologicamente preparados, nem fomos educados física e mentalmente para a rapidez e o impacto dessas mudanças. Nunca fomos educados para o futuro e nossas escolas, em todos os níveis, ainda são mais voltadas para o passado, para a memória, e não para a adaptação às mudanças, para ensinar a aprender.

Especialistas em comportamento sabem que todas as mudanças são perturbadoras, em algum grau, e que as mais bruscas, inesperadas e profundas são estressantes. Para a maioria das pessoas, inclusive as educadas, a simples ideia de uma mudança radical é ameaçadora, provoca incerteza, insegurança, temor e resistência.

Para descrever a esmagadora tensão e a desorientação que as pessoas sofrem quando estão sujeitas a uma carga excessiva de mudança em um prazo demasiadamente curto, o sociólogo Alvin Toffler criou (em 1965) a expressão *choque do futuro*.

O choque do futuro está aumentando na mesma proporção em que se acelera a comunicação e aumenta a velocidade das mudanças, porque é cada vez maior a diferença entre o ritmo da mudança ambiental e a capacidade de reação e adaptação humana a essas mudanças.

Nunca, na história do homem, viveu-se em um meio ambiente submetido a mutações tão velozes quanto hoje.

Além disso, essas mudanças não ocorrem de modo uniforme, nem atingem a todas as pessoas do mesmo modo. O resultado é que estamos obrigados a conviver com indivíduos que apresentam reações desiguais e adaptações diferentes às mudanças; que têm valores éticos e concepções morais diferentes, assim como comportamentos diferentes. Porque hoje os conceitos são vários, e até contraditórios, a respeito do tempo, do espaço, da economia, do trabalho, da religião, do amor, do sexo, da família, da educação e mesmo da saúde. Valores de ontem já não valem coisa alguma para uns, mas ainda têm valor absoluto para outros; e ninguém é capaz de dizer, com segurança, quais são os valores da sociedade de hoje. Verdades de ontem foram desmentidas e as pessoas estão perplexas diante da mutação incessante, nervosa e enervante, provocando o estresse e problemas psicológicos.

Hoje, há uma insuportável carga de informação, e as pessoas que não conseguem defender-se dessa corrente de notícias acaba afundando nela. A *fadiga da informação* aumenta o nível do estresse e pode causar outras doenças. Antes disso, provoca uma paralisia na capacidade de analisar, de decidir, leva ao adiamento de decisões importantes, aumenta a ansiedade e as dúvidas, provoca decisões levianas, conclusões equivocadas e, em alguns casos, neuroses. Em resumo: informação em excesso, mal digerida, pode ser tão perigosa quanto a desinformação e a contra-informação.

A isso chamamos de *choque da comunicação*, uma síndrome reconhecida pela medicina.

Nos últimos anos o mundo vem passando pelas maiores transformações da história da humanidade. Agora a Terra é uma aldeia global; mas nunca estivemos mais tribalizados; a economia está globalizada, mas perdeu o dimensão do social, do humano; há cada vez mais trabalho e menos emprego; a informação ficou mais importante do que a cultura; o sexo por prazer superou o sexo para reprodução; criou-se uma variedade notável de extensões cada vez mais velozes para o homem, mas o trânsito nas grandes cidades flui mais lento que a caravana de camelos; o homem está cada vez mais místico e menos religioso; a expectativa de vida subiu, a qualidade de vida melhorou e a saúde pública está em crise em todo o mundo.

No Brasil, além disso, em menos de uma geração deixamos de ser um país essencialmente agrícola para ser um dos dez mais industrializados; passamos de eminentemente rural a desesperadamente urbano, com cidades inchadas, verticais, sem quintais, sem solidariedade humana, sem serviços de qualidade; trocamos o progresso lento pelo desenvolvimento desordenado e insustentado que cria excluídos; passamos a país rico e cheio de miseráveis; deixamos de ser poupadores para sermos consumidores; aumentamos a expectativa de vida mas perdemos qualidade de vida; aumentamos o produto interno bruto mas ficamos entre os últimos do mundo em distribuição de renda.

Peter Drucker já anuncia o pós-capitalismo e afirma que, no futuro, o mercado continuará sendo o que mais importa, mas com uma diferença: estará necessariamente

Nunca, na história do homem, viveu-se em um meio ambiente submetido a mudanças tão velozes quanto hoje.

Além disso, essas mudanças não ocorrem de modo uniforme, nem atingem a todas as pessoas do mesmo modo. O resultado é que estamos obrigados a conviver com indivíduos que apresentam reações diversas e adaptações diferentes às mudanças; que têm valores éticos e concepções morais diferentes, assim como comportamentos diferentes. Porque hoje os conceitos são vários e até contraditórios, a respeito do tempo, do espaço, da economia, do trabalho, da religião, do amor, do sexo, da família, da educação e mesmo da saúde. Valores de ontem já não valem coisa alguma para uns, mas ainda têm valor absoluto para outros; e ninguém é capaz de dizer, com segurança, quais são os valores da sociedade de hoje. Verdades de ontem foram desmentidas e as pessoas estão perplexas diante da mudança incessante, nervosa e errante, provocando o estresse e problemas psicológicos.

Hoje, há uma insuportável carga de informação, e as pessoas que não conseguem defender-se dessa corrente de notícias acabam saindo dela. A falta de informação aumenta o nível do estresse e pode causar outras doenças. Antes disso, provoca uma paralisia na capacidade de analisar, de decidir, leva ao adiamento de decisões importantes, aumenta a ansiedade e as dúvidas, provoca decisões levianas, conclusões equivocadas e, em alguns casos, neuroses. Em resumo: informação em excesso, mal digerida, pode ser tão perigosa quanto a desinformação e a contra-informação.

A isso chamamos de *crise da informação*, uma síndrome reconhecida pela medicina.

Nos últimos anos o mundo vem passando pelas maiores transformações da história da humanidade. Agora a Terra é uma aldeia global; mas nunca estivemos mais tribalizados; a economia está globalizada, mas perdeu o dimensão do social, do humano; há cada vez mais trabalho e menos emprego; a informação ficou mais importante do que a cultura; o sexo por prazer superou o sexo para reprodução; criou-se uma variedade nova de extensões cada vez mais velozes para o homem, mas o trânsito nas grandes cidades foi mais lento do que a carreira de camelos; o homem está cada vez mais mistico e menos religioso; a expectativa de vida subiu, a qualidade de vida melhorou e a saúde pública está em crise em todo o mundo.

No Brasil, além disso, em menos de uma geração deixamos de ser um país essencialmente agrícola para ser um dos mais industrializados; passamos de eminentemente rural a desespetadamente urbano, com cidades inchadas, verticais, sem quintais, sem solidariedade humana, sem serviços de qualidade; trocamos o progresso lento pelo desenvolvimento desordenado e insustentado que cria excluídos; passamos a país rico e cheio de misérrimos; deixamos de ser poupadores para sermos consumidores; aumentamos a expectativa de vida mas perdemos qualidade de vida; aumentamos o produto interno bruto mas ficamos entre os últimos do mundo em distribuição de renda.

Peter Drucker já anuncia o pós-capitalismo e afirma que, no futuro, o mercado continuará sendo o que mais importa, mas com uma diferença: estará necessariamente

pactuado com o cidadão em um contrato social. Será o capitalismo social, com dimensão humana.

Ele imagina, para um futuro próximo, o *capitalismo do conhecimento* e argumenta: a terra, o capital e o trabalho estão produzindo lucros cada vez menores, e a mão-de-obra barata já não tem mais tanta importância na competitividade. A tecnologia que está rendendo cada vez mais é o conhecimento, e ele acredita que, no futuro, o maior e melhor capital estará nas patentes e no *know how*, no saber fazer, na experiência provada. Para ele, a crise do capitalismo já é evidente nos excluídos.

As pressões sociais são cada vez mais fortes e ameaçam ficar insuportáveis, porque o que provoca a violência não é a pobreza, mas a exclusão. A globalização, que é o braço operacional do neoliberalismo, defende a sacralidade do livre mercado e sua única preocupação é a produção. Só o que importa é agregar valor ao produto e a santíssima trindade é qualidade, competitividade e rentabilidade. Por isso mesmo o projeto neoliberal não tem dimensão humana e acaba excluindo a maior parte das pessoas. Nunca, na História, o desemprego foi tão grande e à economia neoliberal repugna custear a sobrevivência, a saúde, a educação e a previdência dos explorados e excluídos. Em busca dos resultados contábeis os arianos econômicos fazem aumentar cada vez mais a distância entre ricos e pobres, encaminhando os excluídos para os guetos. Não demora muito e vão sugerir alguma solução final para os economicamente inferiores.

Como escreve Viviane Forrester em *O Horror Econômico*, "*vivemos em meio a um engodo magistral, um mundo desaparecido que teimamos em não reconhecer como tal e que certas políticas artificiais pretendem perpetuar.*"

É hora de perguntar até quando vamos nos enganar e quanto tempo mais será preciso para tomarmos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação? Não apenas mudança da sociedade, mas de toda a civilização.

2. Tempo de Ser Ético

A palavra *ética* vem do grego *ethos* e quer dizer caráter, tendo também o significado de hábito e de morada. Quando os romanos a traduziram, usaram o termo *mores*, significando costumes. As duas expressões falavam do mesmo assunto.

Em português, no entanto, com o passar do tempo, *ética* e *moral* passaram a ter significados diferentes.

Ética é o feminino substantivado do adjetivo *ético*. É o estudo dos juízos de apreciação da conduta humana passível de qualificar do ponto de vista do bem e do mal, em relação à sociedade e de modo absoluto. A postura ética não objetiva condenar, antes evitar.

Moral é a parte da ética que se refere a alguns aspectos da conduta humana, daí haver diversos tipos de moral, como a religiosa, a dos negócios, a sexual. A *moral* é mais sujeita aos tempos, mudanças, costumes, modismos, influências da mídia; e embora resulte da *ética*, pode até comprometê-la.

pacarado com o cidadão em um contrato social. Será o capitalismo social, com dimensão humana.

Ele imagina para um futuro próximo, o capitalismo de trabalho e argumenta: a terra, o capital e o trabalho estão produzindo lucros cada vez menores, e a mão-de-obra paga já não tem tanta importância na competitividade. A tecnologia que está tornando cada vez mais é o conhecimento, e ele acredita que, no futuro, o maior melhor capital estará nas patentes e no know how, no saber fazer, na experiência proveda. Para ele a crise do capitalismo já é evidente nos excluídos.

As pressões sociais são cada vez mais fortes e ameaçam ficar insuportáveis, porque o que provoca a violência não é a pobreza, mas a exclusão. A globalização, que é o prazo operacional do neoliberalismo, defende a sacralidade do livre mercado e sua única preocupação é a produção. Só o que importa é agregar valor ao produto e a santíssima trindade é qualidade, competitividade e rentabilidade. Por isso mesmo o projeto neoliberal não tem dimensão humana e acaba excluindo a maior parte das pessoas. Nunca, na História, o desemprego foi tão grande e a economia neoliberal repugna custear a sobrevivência, a saúde, a educação e a previdência dos explorados e excluídos. Em busca dos resultados contábeis os anos econômicos fazem aumentar cada vez mais a distância entre ricos e pobres, encaminhando os excluídos para os guetos. Não demora muito e vão surgir algumas soluções finais para os economicamente inferiores.

Como escreve Viviane Forrester em O Horror Existencial, "nada em mim a um modo marginal, um mundo despartido que tentamos em não reconhecer como tal e que tenta política original, pretensamente profeta".

É hora de perguntar até quando vamos nos enganar e quanto tempo mais será preciso para tomarmos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutações. Não apenas mudanças da sociedade, mas de toda a civilização.

2. Tempo de 2ª. Ética

A palavra *ética* vem do grego *ethos* e quer dizer caráter, tendo também o significado de hábito e de morada. Quando os romanos a traduziram, usaram o termo *mos*, significando costumes. As duas expressões falavam do mesmo assunto.

Em português, no entanto, com o passar do tempo, *ética* e *mos* passaram a ter significados diferentes.

Ética é o feminino substantivado do adjetivo *ético*. É o estudo dos juízos de apreciação da conduta humana passível de qualificar do ponto de vista do bem e do mal, em relação à sociedade e de modo absoluto. A postura *ética* não objetiva condenar, antes evitar.

Mos é a parte da *ética* que se refere a alguns aspectos da conduta humana, daí haver diversos tipos de *mos*, como a religioso, a dos negócios, a sexual. A *ética* é mais sujeita aos tempos, mudanças, costumes, modismos, influências da mídia; e embora resulte da *ética*, pode até comprometê-la.

Acrescentemos a definição de *moralismo*, que é a doença da ética, a visão estreita da moral fora do tempo social; é a *ética* degradada pelo radicalismo improdutivo, porque o *moralismo* não educa, condena; não pondera, repele; não integra, expulsa.

Em época de crise, quando a situação econômica está degradadas e a condição social é insustentável, as questões de sobrevivência imediata e o clima de *as;ve-se quem puder* prevalecem sobre a moral social; e o instinto de sobrevivência modifica tanto o comportamento das pessoas que fica evidente o comprometimento ético da sociedade.

Curiosamente, é nessa situação que se manifesta uma sensibilidade maior para a ética, que passa a ser a questão central, uma vez que a moral social já não é mais suficiente para controlar o comportamento de setores importantes e decisivos da sociedade.

Sem o respeito a certos princípios, a convivência torna-se impossível e é por isso que as sociedades que mantêm atitudes aéticas tendem à crise e ao colapso. A ética é que mantém a estrutura da sociedade e quanto mais profundo o sentimento ético, mais assentada e organizada é essa sociedade.

Por exemplo: quando a vida era um valor absoluto, a regra “*não matarás*” impedia o canibalismo, o assassinato, a guerra. À medida que a vida humana vai perdendo valor, a violência aumenta. Se a vida de uma pessoa vale tão pouco que ela pode ser excluída da sociedade pela má distribuição de renda, pelo salário mínimo baixíssimo ou pelo desemprego, pela falta de oportunidade de educação, pela falta de saúde e assistência, pela falta de água corrente e esgoto, pela falta de segurança, pela falta de justiça e de respeito aos seus direitos, acabar com uma vida passa a significar pouco.

O consumismo desvairado e o neo-liberalismo ensinaram que felicidade é consumir, e que *ter* é mais importante do que *ser*, principalmente quando se tem algo *novo*. Esse novo valor para medir a capacidade, a realização e o sucesso, têm justificado o engodo, a mentira, a falsidade. Isso contaminou a quase todos, a começar pelos políticos. A política, sem ética, é intolerável, torna-se absolutamente pragmática, cínica, amoral, porque os fins passam a justificar os meios. A tal ponto que se conspurca até a prédica de um santo e o “*é dando que se recebe*” de São Francisco de Assis passa a ser a prática do voto comprado, da barganha, do mais imoral *toma lá dá cá*.

O maior teste para a ética é a relação de poder. Se a ética é mais fraca do que o poder, se as regras morais e os princípios éticos podem ser atropelados pela simples manifestação da maioria, a felicidade humana torna-se impossível, porque a felicidade se produz pela ética, pelo bem, e não pelo política ou pelo poder.

Quando quem pode manda, subordina e exclui a maioria, o pior é o poderoso contar com a colaboração das vítimas. Na verdade, ele pode mais porque quem pode menos submete-se, coloca-se sob a sua proteção e domínio, perpetua a sujeição. O problema é que a imensa maioria dos excluídos e dos futuros excluídos não tem informação, não tem consciência da situação, ou não acredita e não exerce seus direitos. Ainda vivemos a herança do colonizador, do senhor de escravos, da casa grande e da senzala.

Apresentamos a definição de *wahrawa*, que é a doutrina da ética, a visão estreita da moral fora do tempo social; é a vida destruída pelo radicalismo impudico, porque o *wahrawa* não educa, condena; não pondera, repele; não integra, expulsa.

Em época de crise, quando a situação econômica está destruída e a condição social é insustentável, as questões de sobrevivência imediata e o clima de *war-wahrawa* prevalecem sobre a moral social; e o instinto de sobrevivência modifica tanto o comportamento das pessoas que fica evidente o comprometimento ético da sociedade. Curiosamente, é nessa situação que se manifesta uma sensibilidade maior para a ética que passa a ser a questão central, uma vez que a moral social já não é mais suficiente para controlar o comportamento de setores importantes e decisivos da sociedade.

Sem o respeito a certos princípios, a convivência torna-se impossível e é por isso que as sociedades que mantêm atitudes éticas tendem à crise e ao colapso. A ética é que mantém a estrutura da sociedade e quanto mais profundo o sentimento ético, mais assentada e organizada é essa sociedade.

Por exemplo: quando a vida cria um valor absoluto, a regra "não *wahrawa*" impede o canibalismo, o assassinato, a guerra. A medida que a vida humana vai perdendo valor, a violência aumenta. Se a vida de uma pessoa vale tão pouco que ela pode ser excluída da sociedade pela má distribuição de renda, pelo salário mínimo baixíssimo ou pelo desemprego, pela falta de oportunidade de educação, pela falta de saúde e assistência, pela falta de água corrente e esgoto, pela falta de segurança, pela falta de justiça e de respeito aos seus direitos, acabar com uma vida passa a significar pouco.

O consumismo desvarado e o neo-liberalismo ensinam que felicidade é consumir e que *war* é mais importante do que *wah*, principalmente quando se tem algo novo. Esse novo valor para medir a capacidade, a realização e o sucesso, tem justificado o engodo, a mentira, a falsidade. Isso continuou a dar-se todos os dias pelos políticos. A política, sem ética, é intolerável, torna-se absolutamente pragmática, cínica, amoral, porque os fins passam a justificar os meios. A tal ponto que se conspurca até a prática de um santo e o "vamos *war* e *wah*" de São Francisco de Assis passa a ser a prática do voto comprado, da barganha, do mais moral *wah* lá dá *war*.

O maior teste para a ética é a relação de poder. Se a ética é mais fraca do que o poder, se as regras morais e os princípios éticos podem ser atropelados pelos simples manifestações da maioria, a felicidade humana torna-se impossível, porque a felicidade se produz pela ética pelo bem e não pelo poder ou pelo mal.

Quando quem manda, subordina e exclui a maioria, o pior é o poderoso contar com a colaboração das vítimas. Na verdade, ele pode mais porque quem pode menos submete-se, coloca-se sob a sua proteção e domínio, perpetua a sujeição. O problema é que a imensa maioria dos excluídos e dos futuros excluídos não tem informação, não tem consciência da situação, ou não acredita e não exerce seus direitos. Ainda vivemos a herança do colonizador, do senhor de escravos, da casa grande e da

senzala.

O problema não é só do Estado ou no Estado. É do cidadão, que não exerce a sua cidadania. É da escola, ou melhor, do ensino. E, pior ainda, é da família, onde falta respeito às pessoas, atenção, amor verdadeiro, liberdade, até tempo.

A questão ética é quase tão antiga quanto o homem e cada período histórico teve seus problemas éticos. Mas há algumas características que tornam o problema atual muito grave (pelo menos para nós, que estamos vivendo agora):

1. a religião já não vem servindo como referência para estabelecer, avaliar e julgar comportamentos. Já serviu, mas foi deslocada pela ciência e pela razão;
2. ciência e razão entraram por caminhos pouco éticos, perderam-se como padrão, assim como perderam a hegemonia. A tecnologia e o capitalismo neo-liberal são hoje as forças dominantes, mas o aumento do poder e o crescimento da vontade de ganhar e acumular colocam em risco até a sobrevivência humana;
3. a liberdade individual expandiu-se de tal modo que diluiu a maior parte dos limites internos e externos do homem. A descoberta do superego levou à permissividade individual e social.

Como resultado, escreve Luciano Zajdsznajder, "*vivemos em um mundo em que andam ombro a ombro a maravilha e quase o êxtase e o terror*".

O interesse pela ética não é um movimento intelectual, mas um impulso instintivo de auto-defesa e sobrevivência. As novas realidades e o comportamento irresponsável da maioria estão exigindo um novo comportamento ético até para o dia-a-dia, porque decisões aéticas estão prejudicando a qualidade de vida, desrespeitando o direito das gerações futuras e até comprometendo o futuro da humanidade na Terra.

No Brasil, por exemplo, construímos várias grandezas, estamos entre as dez potências econômicas da produção, mas o país é rico e injusto, porque menos de 10% da população tem 50% da riqueza, enquanto mais de 50% dividem 10% do que produzimos. O país assenta-se sobre a miséria, a fome, a desnutrição, a doença, a falência das instituições, da saúde, da educação, da justiça, da segurança.

O que parece pior é a identificação de que o problema não é orçamentário ou de falta de recursos, mas de natureza ética. Nem tudo é desonestidade e corrupção, mas a falta de determinadas políticas e projetos na área da saúde e da educação têm natureza ética. Assim como o esvaziamento das instituições ou o cultivo permanente do desânimo, quando sabemos que *anima* é a alma, e um povo sem alma não consegue levantar-se.

Os mais informados sabem que não há crise ética no Brasil, porque por aqui nunca houve um comportamento ético reconhecível, especialmente nas elites e no poder.

O problema não é só do Estado ou no Estado. É do cidadão, que não exerce a sua cidadania. É da escola, ou melhor, do ensino. É, pior ainda, é da família, onde falta respeito às pessoas, atenção, amor verdadeiro, liberdade, até tempo.

A questão ética é quase tão antiga quanto o homem e cada período histórico teve seus problemas éticos. Mas há algumas características que tomam o problema atual muito grave (pelo menos para nós, que estamos vivendo agora):

1. a religião já não vem servindo como referência para estabelecer, avaliar e julgar comportamentos. Já serviu, mas foi deslocada pela ciência e pela razão;
2. ciência e razão entraram por caminhos pouco éticos, perderam-se como padrão, assim como perderam a hegemonia. A tecnologia e o capitalismo neo-liberal são hoje as forças dominantes, mas o aumento do poder e o crescimento da vontade de ganhar e acumular colocam em risco até a sobrevivência humana;
3. a liberdade individual expandiu-se de tal modo que diluiu a maior parte dos limites internos e externos do homem. A descoberta do superego levou à permissividade individual e social.

Como resultado, escreve Luciano Szustman, "vivemos em um mundo em que andamos sobre a areia e a maré e quase o céu e o inferno."

O interesse pela ética não é um movimento intelectual, mas um impulso instintivo de auto-defesa e sobrevivência. As novas realidades e o comportamento irresponsável da maioria estão exigindo um novo comportamento ético até para o dia-a-dia, porque decisões éticas estão prejudicando a qualidade de vida, desrespeitando o direito das gerações futuras e até comprometendo o futuro da humanidade na Terra.

No Brasil, por exemplo, construímos várias grandezas, estamos entre as dez potências econômicas da produção, mas o país é rico e injusto, porque menos de 10% da população tem 50% da riqueza, enquanto mais de 50% dividem 10% do que produzimos. O país assenta-se sobre a miséria, a fome, a desnutrição, a doença, a falência das instituições, da saúde, da educação, da justiça, da segurança.

O que parece pior é a identificação de que o problema não é o orçamento ou de falta de recursos, mas de natureza ética. Nem tudo é desonestidade e corrupção, mas a falta de determinadas políticas e projetos na área da saúde e da educação têm natureza ética. Assim como o esvaziamento das instituições ou o cultivo permanente do desânimo, quando sabemos que a alma é a alma e um povo sem alma não consegue levantar-se.

Os mais informados sabem que não há crise ética no Brasil, porque por aqui nunca houve um comportamento ético reconhecível, especialmente nas elites e no poder.

Nosso primeiro documento escrito, o registro civil do país, é a carta de Pero Vaz de Caminha. Ela dá notícia detalhada do descobrimento mas não termina sem pedir a El-Rei um favorzinho para um parente necessitado...

No Brasil Colônia certamente não havia ética na relação com os habitantes originais da terra. E os que aqui vieram, não estavam para ficar e colonizar, mas apenas para impedir que outros o fizessem. E para tirar daqui tudo o que fosse possível, explorando ao máximo, para depois voltar à santa terrinha. A elite brasileira aprendeu que não deveria trabalhar, que o certo era viver ao sabor dos ciclos econômicos impostos de fora, que não podia ter instituições educacionais.

No Império predominou a escravidão, recusou-se a modernidade industrial, cometemos genocídio contra o Paraguai para atender interesses estrangeiros, os Voluntários lutaram acorrentados, filho de rico não foi à guerra, um general foi acusado por outro de ser ladrão de gado, ficamos na dependência externa, não havia um projeto futuro.

Na República Velha o primeiro grito ético veio do movimento dos tenentes. As eleições eram fraudadas a bico de pena e quando não se podia resolver a situação política matava-se.

Na ditadura de Vargas houve até campos de concentração e mais de um torturador e assassino político foi eleito para o Senado. A política de força e circunstância não permitiu a educação política do povo. Depois, eleito Presidente, Vargas matou-se diante da crise política e moral que fez com que reconhecesse um mar de lama nos porões do Palácio do Catete.

Depois do discurso ético mas abstrato dos positivistas, foi A União Democrática Nacional a primeira a falar em ética. Os udenistas, no entanto, eram moralistas e não éticos, o que levou-os a fomentar o golpe, a açular os militares contra as instituições democráticas, a tentar impedir a posse de Juscelino, a apoiar Jânio, a lutar contra a posse de Jango.

Houve ética na ditadura militar que mentiu, torturou, assassinou, jogou pessoas vivas de aviões em pleno vôo?

Ética na morte de Tancredo, desrespeitado na doença?

Ética na falta de coragem de Ulisses para assumir a Presidência vaga e marcar novas eleições? Ou na posse de um Vice cujo Presidente não havia sido empossado?

Ética em Collor? Ética *no impeachment*?

“Vivemos uma época em que o tecnológico e o estratégico têm grande predominância e tendem a encobrir e a afastar o ético”, escreve Zajdsznajder.

“Estar em uma cultura tecnológica significa que nossas crenças maiores são de que a tecnologia proverá aquilo de que precisamos e que é fundamental conhecer e absorver as tecnologias para viver mais plenamente neste mundo.”

“A cultura estratégica é aquela em que estamos todos calculando as chances de sucesso diante das alternativas que nos são apresentadas.” E a grande estratégia de sobrevivência

Nesse primeiro documento escrito, o registro civil do país, é a carta de Pero Vaz de Caminha. Ela dá notícia detalhada do descobrimento mas não termina sem pedir a El-Rei um favorzinho para um parquinho necessário...

No Brasil Colônia certamente não havia ética na relação com os habitantes originais da terra. E os que aqui viviam, não estavam para ficar e colonizar, mas apenas para impedir que outros o fizessem. E para tirar daqui tudo o que fosse possível, explorando ao máximo, para depois voltar à sua terrinha. A elite brasileira aprendeu que não deveria trabalhar, que o certo era viver ao sabor dos ciclos econômicos impostos de fora, que não podia ter instituições educacionais.

No Império predominou a escravidão, recusou-se a modernidade industrial, cometemos genocídio contra o Paraguai para atender interesses estrangeiros, os Voluntários lutaram acorretados, filho de rico não foi à guerra, um general foi acusado por outro de ser ladrão de gado, ficamos na dependência externa, não havia um projeto futuro.

Na República Velha o primeiro grilo ético veio do movimento dos tenentes. As eleições eram fraudadas a pico de pena e quando não se podia resolver a situação política matava-se.

Na ditadura de Vargas houve até campos de concentração e mais de um torturador e assassino político foi eleito para o Senado. A política de força e circunstância não permitiu a educação política do povo. Depois eleito Presidente, Vargas matou-se diante da crise política e moral que fez com que reconhecesse um mar de lama nos porões do Palácio do Catete.

Depois do discurso ético mas abstrato dos positivistas, foi A União Democrática Nacional a primeira a falar em ética. Os udenistas, no entanto, eram moralistas e não éticos, o que levou-os a fomentar o golpe, a apoiar os militares contra as instituições democráticas, a tentar impedir a posse de Juscelino, a apoiar Jânio, a lutar contra a posse de Jango.

Houve ética na ditadura militar que mentiu, torturou, assassinou, jogou pessoas vivas de aviões em pleno vôo?

Ética na morte de Tancredo, desrespeitado na doação?

Ética na falta de coragem de Ulisses para assumir a Presidência vaga e marcar novas eleições? Ou na posse de um Vice Presidente não havia sido empossado?

Ética em Collor? Ética no impeachment?

"Vivemos numa época em que a tecnologia e o estratégico têm grande predominância e também a ciência e a cultura", escreve Zajdman.

"Estar em uma cultura tecnológica significa que nossa tarefa maior não é de que a tecnologia provirá aquilo de que precisamos e que é fundamental conhecer e absorver a tecnologia para não nos planejarmos neste mundo."

"A cultura estratégica é aquela em que estamos todos calculando as chances de sucesso diante das alternativas que nos são apresentadas." É a grande estratégia de sobrevivência

Nosso primeiro documento escrito, o registro civil do país, é a carta de Pero Vaz de Caminha. Ela dá notícia detalhada do descobrimento mas não termina sem pedir a El-Rei um favorzinho para um parente necessitado...

No Brasil Colônia certamente não havia ética na relação com os habitantes originais da terra. E os que aqui vieram, não estavam para ficar e colonizar, mas apenas para impedir que outros o fizessem. E para tirar daqui tudo o que fosse possível, explorando ao máximo, para depois voltar à santa terrinha. A elite brasileira aprendeu que não deveria trabalhar, que o certo era viver ao sabor dos ciclos econômicos impostos de fora, que não podia ter instituições educacionais.

No Império predominou a escravidão, recusou-se a modernidade industrial, cometemos genocídio contra o Paraguai para atender interesses estrangeiros, os Voluntários lutaram acorrentados, filho de rico não foi à guerra, um general foi acusado por outro de ser ladrão de gado, ficamos na dependência externa, não havia um projeto futuro.

Na República Velha o primeiro grito ético veio do movimento dos tenentes. As eleições eram fraudadas a bico de pena e quando não se podia resolver a situação política matava-se.

Na ditadura de Vargas houve até campos de concentração e mais de um torturador e assassino político foi eleito para o Senado. A política de força e circunstância não permitiu a educação política do povo. Depois, eleito Presidente, Vargas matou-se diante da crise política e moral que fez com que reconhecesse um mar de lama nos porões do Palácio do Catete.

Depois do discurso ético mas abstrato dos positivistas, foi A União Democrática Nacional a primeira a falar em ética. Os udenistas, no entanto, eram moralistas e não éticos, o que levou-os a fomentar o golpe, a açular os militares contra as instituições democráticas, a tentar impedir a posse de Juscelino, a apoiar Jânio, a lutar contra a posse de Jango.

Houve ética na ditadura militar que mentiu, torturou, assassinou, jogou pessoas vivas de aviões em pleno vôo?

Ética na morte de Tancredo, desrespeitado na doença?

Ética na falta de coragem de Ulisses para assumir a Presidência vaga e marcar novas eleições? Ou na posse de um Vice cujo Presidente não havia sido empossado?

Ética em Collor? Ética *no impeachment*?

“Vivemos uma época em que o tecnológico e o estratégico têm grande predominância e tendem a encobrir e a afastar o ético”, escreve Zajdsznajder.

“Estar em uma cultura tecnológica significa que nossas crenças maiores são de que a tecnologia proverá aquilo de que precisamos e que é fundamental conhecer e absorver as tecnologias para viver mais plenamente neste mundo.”

“A cultura estratégica é aquela em que estamos todos calculando as chances de sucesso diante das alternativas que nos são apresentadas.” E a grande estratégia de sobrevivência

Nosso primeiro documento escrito, o registro civil do país, é a carta de Pero Vaz de Caminha. Ela dá notícia detalhada do descobrimento mas não termina sem pedir a El-Rei um favorzinho para um parente necessitado...

No Brasil Colônia certamente não havia ética na relação com os habitantes originais da terra. E os que aqui vieram, não estavam para ficar e colonizar, mas apenas para impedir que outros o fizessem. E para tirar daqui tudo o que fosse possível, explorando ao máximo, para depois voltar à santa terra. A elite brasileira aprendeu que não deveria trabalhar, que o certo era viver ao sabor dos ciclos econômicos impostos de fora, que não podia ter instituições educacionais.

No Império predominou a escravidão, recusou-se a modernidade industrial, cometeram genocídios contra o Paraguai para atender interesses estrangeiros, os Voluntários lutaram acorrentados, filho de rico não foi à guerra, um general foi acusado por outro de ser ladrão de gado, ficamos na dependência externa, não havia um projeto futuro.

Na República Velha o primeiro grilo ético veio do movimento dos tenentes. As eleições eram fraudadas a pico de pala e quando não se podia resolver a situação política matava-se.

Na ditadura de Vargas houve até campos de concentração e mais de um torturador e assassino político foi eleito para o Senado. A política de força e circunstância não permitiu a educação política do povo. Depois, eleito Presidente, Vargas matou-se diante da crise política e moral que fez com que reconhecesse um mar de lama nos porões do Palácio do Catete.

Depois do discurso ético mas abstrato dos positivistas, foi A União Democrática Nacional a primeira a falar em ética. Os udenistas, no entanto, eram moralistas e não éticos, o que levou-os a fomentar o golpe, a acular os militares contra as instituições democráticas, a tentar impedir a posse de Juscelino, a apoiar Jânio, a lutar contra a posse de Jango.

Houve ética na ditadura militar que mentiu, torturou, assassinou, jogou pessoas vivas de aviões em pleno vôo?

Ética na morte de Tancredo, desrespeitado na doação?

Ética na falta de coragem de Ulassas para assumir a Presidência vaga e marcar novas eleições? Ou na posse de um Vice cujo Presidente não havia sido empossado?

Ética em Collor, Ética no impeachment

"Vimmos una época em que o tecnológico e o estratégico têm grande predominância e tendem a envolver e a diluir o ético", escreve Lajsznajder.

"Esta em uma cultura tecnológica significa que nossa tarefa número um de que a tecnologia provém aquilo de que precisamos e que é fundamental conhecer e obter a tecnologia para não mais permanecer neste mundo."

"A cultura estratégica é aquela em que estamos todos calculando os chances de lucro diante das alternativas que nos são oferecidas." É a grande estratégia de sobrevivência

resume o tradicional padrão de dominação autoritário e o controle das oligarquias, no dito "*manda quem pode, obedece quem tem juízo*".

Se a cultura tecnológica não respeita o ser humano ou o meio-ambiente, as estratégias das oligarquias e das elites sempre foram predatórias, imediatistas, acumuladoras de riqueza, voltadas para apropriar-se dos recursos do Estado para o próprio benefício, para fazer reserva de mão-de-obra barata e evitar as conquistas sociais.

A classe média, por sua vez, teve por estratégia viver à sombra dos grupos de poder, sem contestá-los para não desagradá-los e, ao contrário, procurando servi-los até tomarem-se indispensáveis. E valer-se do corporativismo desenfreado que defende apenas os interesses do grupo em busca de segurança e vantagens, mesmo à custa dos interesses coletivos.

Aos pobres cabia, quando muito, os restos do banquete, colocarem-se sob a proteção dos fora-da-lei, traçar estratégias de sobrevivência que poderiam incluir a rapinagem e a violência contra os bem-sucedidos, tudo o que fosse capaz de evitar que ficassem excluídos.

Esquerda e direita ignoraram a ética e a política tornou-se instrumental e indigna, com os políticos figurando sempre, nas pesquisas de opinião pública, como uma das três classes menos confiáveis.

Muitos de nós desenvolvemos um calo na sensibilidade, afastando quase todas as preocupações éticas.

3. *A razão cínica e a coragem ética*

Foi o psicanalista Jurandir Freire Costa quem identificou a "*razão cínica*" como um traço de caráter do brasileiro. A idéia de que "*e assim mesmo e não tem jeito*" e a idéia de que se podia fazer qualquer coisa porque "*tudo acaba em pizza*" espraiou pelo setor público e depois por toda a sociedade. A corrupção e o suborno passaram a fazer parte do famoso "*jeitinho brasileiro*" e os que se aproveitavam, os que enriqueciam facilmente graças aos recursos públicos, da contravenção e do roubo foram olhados com complacência e até com admiração. Por isso mesmo o presidente De Gaulle já teria dito que o Brasil não é um país sério.

A generalização do antiético chegou ao cúmulo com o confisco das contas bancárias e da poupança pela ministra Zélia Cardoso, ela mesma envolvida em um episódio pouco ético com dinheiros públicos, sem que o Supremo Tribunal Federal nos socorresse.

Católicos, mas não praticantes, honestos, mas não praticantes, só nos restava a esperança pessoal de ganhar sozinho a sena acumulada e a esperança coletiva de torcer por um Ayrton Senna ou para a seleção brasileira de futebol.

Colocávamos impureza nas bolas de borracha para que elas pesassem mais, rendendo mais dinheiro. Perdemos o mercado. Colocávamos sujeira e café de segunda no café de exportação. Perdemos o mercado. Os fundos públicos foram sistematicamente desviados, assim como os fundos sociais. O povo inteiro foi

resumo o tradicional padrão de dominação autoritário e o controle das oligarquias.
no dia "munda quem paga, vê quem tem juízo".

Se a cultura tecnológica não respeita o ser humano ou o meio-ambiente, as estratégias das oligarquias e das elites sempre foram predadoras, imediatistas, acumuladoras de riquezas, voltadas para apropriar-se dos recursos do Estado para o próprio benefício, para fazer reservas de mão-de-obra barata e evitar as conquistas sociais.

A classe média, por sua vez, teve por estratégia viver à sombra dos grupos de poder, sem contestá-los para não desagradá-los e, ao contrário, procurando servi-los até tomarem-se indispensáveis. E valer-se do corporativismo desenhado que defende apenas os interesses do grupo em busca de segurança e vantagens mesmo à custa dos interesses coletivos.

Aos pobres cabia, quando muito, os restos do banquete, colocarem-se sob a proteção dos fortes da lei, traçar estratégias de sobrevivência que poderiam incluir a repressão e a violência contra os bem-sucedidos, tudo o que fosse capaz de evitar que fossem excluídos.

Esquerda e direita ignoram a ética e a política tornou-se instrumental e indigna, com os políticos agitando sempre, nas pesquisas de opinião pública, como uma das três classes menos confiáveis.

Muitos de nós desenvolvemos um calo na sensibilidade, afastando quase todas as preocupações éticas.

3. A religião é a religião

Foi o psicanalista Jurandir Freire Costa quem identificou a "religião diana", como um traço de caráter do brasileiro. A ideia de que "a alma morre e não tem juízo" e a ideia de que se podia fazer qualquer coisa porque "tudo acaba em pó" espalhou pelo setor público e depois por toda a sociedade. A corrupção e o suborno passaram a fazer parte do famoso "jornalismo brasileiro" e os que se aproveitavam, os que enriqueciam facilmente graças aos recursos públicos, da corrupção e do roubo foram olhados com compadecimento e até com admiração. Por isso mesmo o presidente De Gaulle já teria dito que o Brasil não é um país sério.

A generalização do antêdoto chegou ao cúmulo com o confisco das contas bancárias e da poupança pela ministra Zélia Cardoso, ela mesma envolvida em um episódio pouco ético com dinheiro público, sem que o Supremo Tribunal Federal nos socorresse.

Católicos, mas não praticantes, honestos, mas não praticantes, só nos restava a esperança pessoal de ganhar sozinho a soma acumulada e a esperança coletiva de torcer por um Ayrton Senna ou para a seleção brasileira de futebol.

Colocávamos impureza nas bolas de borracha para que elas pesassem mais, tornando mais dinheiro. Perdemos o mercado. Colocávamos sujeira e café de segunda no café de exportação. Perdemos o mercado. Os fundos públicos foram sistematicamente desviados, assim como os fundos sociais. O povo inteiro foi

chamado a cobrir o prejuízo da ineficiência e da desonestidade dos donos de banco. Mentimos, roubamos, desvalorizamos a vida, trocamos etiquetas de preços, enganamos a Receita Federal, passamos cheques sabendo que não havia fundo, reescrevemos o trabalho acadêmico de outro e assinamos nosso nome, e pior, aceitamos os desvios de conduta como naturais, porque voltamos todos a viver pelo princípio do prazer, como crianças imaturas.

Resistir à tentação e não se aproveitar, não saquear a coisa pública, não abusar das circunstâncias, manter-se digno e combater a indiferença generalizada, não perder a alma e desanimar, manter a esperança é cada vez mais difícil porque não reconhecemos instituições sólidas e duradouras capazes de introduzir leis justas e fazê-las cumprir. Porque até nisso o país é incrível e todos nós sabemos que "*há leis que colam e leis que não colam*".

"*As situações eticamente positivas não nascem espontaneamente*", escreve Luciano Zajdesznajder (*Ser Ético*, Gryphus, 1994), "*são objeto de uma conquista, como a democracia.*" É um processo e a possibilidade de mudança existe, por mais difícil que pareça. Mas é preciso assumir riscos, refletir, decidir, ir contra a maré, protestar. O passado não é o destino. Fazer uma sociedade mais digna, mais ética, mais responsável, mais respeitada, mais democrática é uma questão de vontade, de organização, de coragem.

Macunaíma e Mitavai, os heróis sem caráter, não são a identidade nacional. Todas as explicações do passado para a falta de caráter não podem valer para o futuro, não são uma justificativa forte bastante para nos manter imóveis.

4. *O despertar da ética e o caminho para uma sociedade ética*

Vencida a inflação, que é uma forma de apropriação indébita do Estado em relação a toda a sociedade, e um privilégio odioso dos que têm seus valores indexados frente aos que têm que gastar rápido para não perder a capacidade de compra, é que verificamos que o maior preço a pagar por ela foi a generalização do antiético.

Não é verdade que Brasília haja inaugurado a inflação e acastelado a falta de ética: ela apenas agravou ao máximo o espírito tecnológico e estratégico da época. No vácuo brasileiro nada ressoava. A cultura tecnológica só tem olhos para a eficácia, assim como a cultura estratégica só importa o sucesso. A busca do poder a qualquer preço e o uso do *marketing* para ganhar em competitividade determinam que o resultado não estabeleça relações positivas com a sociedade.

Nosso tempo é testemunha de que se colocar na condição de bem absoluto afasta ou anula as considerações éticas. Foi assim com o comunismo, como é assim com o capitalismo: quando colocamos o outro como mal absoluto, fica de lado qualquer avaliação dos meios éticos que podemos usar contra ele.

chamado a cobrir o prejuízo da ineficiência e da desonestidade dos donos de banco. Mesmo, todavia, desenvolvamos a vida, trocamos etiquetas de preços, enganamos a Receita Federal, passamos cheques sabendo que não havia fundo, reescrevemos o trabalho acadêmico de outro e assinamos nosso nome, e pior, aceitamos os desvios de conduta como naturais, porque voltamos todos a viver pelo princípio do prazer, como crianças imaturas.

Resistir à tentação e não se apovetar, não saquear a coisa pública, não abusar das circunstâncias, manter-se digno e combater a ineficiência generalizada, não perder a alma e desanimar, manter a esperança é cada vez mais difícil porque não reconhecemos instituições sólidas e duradouras capazes de introduzir leis justas e fazê-las cumprir. Porque até nisso o país é inícuo e todos nós sabemos que "lá vai que colam e lá que não colam".

"At times it seems that we are not really spontaneous," wrote Luciano Caldas (1994). "In spite of our country, as a democracy." É um processo e a possibilidade de mudança existe, por mais difícil que pareça. Mas é preciso assumir riscos, refletir, decidir, ir contra a maré, protestar. O passado não é o destino. Fazer uma sociedade mais digna, mais ética, mais responsável, mais respeitada, mais democrática é uma questão de vontade, de organização, de coragem.

Macaulay e Mitrovic, os heróis sem caráter, não são a identidade nacional. Todas as explicações do passado para a falta de caráter não podem valer para o futuro, não são uma justificativa forte bastante para nos manter imóveis.

4. O despertar da ética e o caminho para uma sociedade ética

Vencida a inflação, que é uma forma de apropriação indevida do Estado em relação a toda a sociedade, e um privilégio odioso dos que têm seus valores deixados frente aos que têm que gastar rápido para não perder a capacidade de compra, é que verificamos que o maior preço a pagar por ela foi a generalização do anticéptico.

Não é verdade que Brasil haja insegurado a inflação e acastelado a falta de ética: ela apenas agravou ao máximo o espírito tecnológico e estratégico da época. No vácuo brasileiro nada resolve. A cultura tecnológica só tem olhos para a eficácia, assim como a cultura estratégica só importa o sucesso. A busca do poder a qualquer preço e o uso do marketing para ganhar em competitividade determinam que o resultado não estabeleça relações positivas com a sociedade.

Nosso tempo é testemunha de que se colocar na condição de bem absoluto está ou anula as considerações éticas. Foi assim com o comunismo, como é assim com o capitalismo: quando colocamos o outro como mal absoluto, fica de lado qualquer avaliação dos meios éticos que podemos usar contra ele.

Outros grandes erros do nosso tempo foram a idéia de que o desenvolvimento econômico é um bem em si mesmo e que a tecnologia está sempre a serviço do homem. São dois mitos contemporâneos. O câncer também é um desenvolvimento e ninguém dirá que é um bem. E está aí Chernobyl, a destruição da camada de ozônio, o efeito estufa, as chuvas ácidas, as crianças nascendo sem cérebro e outros efeitos negativos da técnica do homem.

A humanidade, durante muitos anos, fechou os olhos, montou um esquema hipócrita, para esconder os desacertos, os abusos, as inseqüências do desenvolvimento econômico e da tecnologia. Agora, está mais crítica e começa a destruição da hipocrisia que permitirá a construção de uma cultura ética.

É na crítica aos desvios que se constrói a cultura ética, um conjunto de práticas, instituições, sentimentos e atitudes centrados em uma vida humana de boa qualidade com bons princípios. Para isto precisamos:

1. mobilizar a coragem ética e fazer repetidos movimentos cívicos que exijam comportamento ético;
2. cobrar a ética na política e na administração pública;
3. introduzir padrões éticos nas empresas privadas e boicotar serviços e produtos aéticos;
4. criar instituições sólidas empenhadas em reforçar a ética nas outras instituições;
5. debater, estudar e dar educação ética em todos os níveis, a começar pela pré-escola.

Velhos códigos, mesmo os melhores, precisam ser ajustados, atualizados às condições da nossa época, à realidade. E não se imagine que normas sejam suficientes para dar resposta a todos os problemas éticos do dia-a-dia.

Historicamente a filosofia e a ética não foram obrigadas a confrontar-se com questões concretas de tanta repercussão e com o tamanho das que enfrentamos hoje. Não vai ser fácil montar um código simples e eficaz e o melhor será, talvez, acreditar nas *atitudes éticas* e não em *palavras escritas*. Mas atitudes terão força para controlar os abusos e resolver as disputas?

E como estabelecer uma atitude ética que seja válida para tantas pessoas de origens diferentes, educação diferente, objetivos e visão de vida tão diferentes, interesses tão variados? Como lembra Zajdsznajder, "*o ético precede o legal e tanto o conteúdo justo ou injusto das leis, como o seu respeito e acatamento, são de natureza ética*".

Para uma mudança ética há alguns pressupostos e é preciso fazer com que eles sejam aceitos, criando condições e probabilidades para essa mudança.

É preciso:

1. acreditar nas possibilidades do país, a partir de uma mudança ética;
2. respeitar a vida, a dignidade e os direitos de todo ser humano, a começar pelas crianças;
3. aumentar a autoestima e o auto-respeito do povo;

Outros grandes erros do nosso tempo foram a ideia de que o desenvolvimento econômico é um bem em si mesmo e que a tecnologia está sempre a serviço do homem. São dois mitos contemporâneos. O câncer também é um desenvolvimento e ninguém dirá que é um bem. E está aí Chernobyl, a destruição da camada de ozônio, o efeito estufa, as chuvas ácidas, as crianças nascendo sem cérebro e outros efeitos negativos da técnica do homem.

A humanidade, durante muitos anos, fechou os olhos, montou um esquema hipócrita, para esconder os desastrosos, os abusos, as inconseqüências do desenvolvimento econômico e da tecnologia. Agora, está mais crítica e começa a destruição da hipocrisia que permitiu a construção de uma cultura ética.

É na crítica aos desvios que se constitui a cultura ética, um conjunto de práticas, instituições, sentimentos e atitudes centrados em uma vida humana de boa qualidade com bons princípios. Para isto precisamos:

1. mobilizar a coragem ética e fazer repêndos movimentos cívicos que exijam comportamento ético;
2. cobrar a ética na política e na administração pública;
3. introduzir padrões éticos nas empresas privadas e boicotar serviços e produtos éticos;
4. criar instituições sólidas empenhadas em reforçar a ética nas outras instituições;
5. debater, estudar e dar educação ética em todos os níveis, a começar pela pré-escola.

Nêlhos códigos, mesmo os melhores, precisam ser ajustados, analisados às condições da nossa época, à realidade. E não se imagine que normas sejam suficientes para dar resposta a todos os problemas éticos do dia-a-dia.

Historicamente a filosofia e a ética não foram obrigadas a confrontar-se com questões concretas de tanta repercussão e com o tamanho das que enfrentamos hoje. Não vai ser fácil montar um código simples e eficaz e o melhor será, talvez, acreditar nas atitudes éticas e não em palavras escritas. Mas atitudes terão força para controlar os abusos e resolver as disputas?

E como estabelecer uma atitude ética que seja válida para tantas pessoas de origens diferentes, educação diferente, objetivos e visão de vida tão diferentes, interesses tão variados? Como lembra Nietzsche, "o tipo preside o legal e tanto o conteúdo justo ou injusto das leis, como o seu respeito e acatamento, são de natureza ética".

Para uma mudança ética há alguns pressupostos e é preciso fazer com que eles sejam aceitos, criando condições e probabilidades para essa mudança.

- É preciso:
1. acreditar nas possibilidades do país, a partir de uma mudança ética;
 2. respeitar a vida, a dignidade e os direitos de todo ser humano, a começar pelas crianças;
 3. aumentar a autoestima e o auto-respeito do povo;

4. respeitar as leis, principalmente no seu espírito, e fazer leis que sejam respeitáveis;
5. ter cuidado autêntico com a coisa pública;
6. ter seriedade empresarial, respeitar os direitos do consumidor e do trabalhador;
7. melhorar a saúde pública, dar prioridade à medicina preventiva e à recuperação da dignidade dos médicos;
8. melhorar a qualidade da educação pública e privada, aumentando a capacidade de raciocínio abstrato ou de manipulação simbólica do estudante, restabelecendo, ao mesmo tempo, a dignidade da profissão de professor;
9. aproveitar todas as possibilidades de participação popular e de controle social dos serviços públicos, especialmente nas áreas da saúde, da educação, da criança, da televisão;
10. criar condições de trabalho e renda mínima para todos, lutando por uma distribuição mais justa da riqueza e das oportunidades;
11. mudar o relacionamento com os filhos, cuidando mais da educação familiar e da colocação de limites;
12. ter noção da necessidade de urgência da mudança ética.

Acreditamos que só a mobilização e um movimento de tomada de consciência e de cobrança da classe média poderá forçar a realização das mudanças éticas de que o país precisa. E por que da classe média?

Porque as elites, que formam 1% da população, têm uma renda individual de mais de 100 mil dólares por ano e a elas interessam manter a situação como está.

Porque o chamado povão, mais da metade da população, tem uma renda média de mil a 500 dólares por ano e luta apenas pela sobrevivência.

Porque a classe média tem uma renda média de 10 a 20 mil dólares, é a primeira sacrificada dos planos econômicos e com o aumento de impostos, mas tem condições de educação, informação e mobilização para enfrentar o problema. E porque é exatamente aqui que cresce o desejo por mudanças éticas, mesmo em um meio consumidor, indiferente, egoísta. A classe média tem uma disposição maior de participar, condições de dar exemplo e de formar opinião. De mais a mais, é a sua única saída.

5. O papel da pré-escola: educação e extensão.

A família mudou e continua mudando, rapidamente e em pouco tempo, como mudaram os costumes, a própria moral social e o casamento. Antes, o casamento era mais estável, mesmo que fosse mais hipócrita. A maior realização da mulher era casar, ter filhos e educá-los. Agora ela procura outras formas de

realização e tem direito a isso. O casamento já não é indispensável e o casamento sem amor tornou-se uma impossibilidade. Educar os filhos não figura, segundo as pesquisas de mercado, entre as atividades preferidas da mulher contemporânea, embora entre as coisas que nunca deixaria de fazer esteja o cuidar dos filhos.

Com a verticalização das cidades perderam-se os quintais, a vizinhança, a solidariedade, o espaço das crianças. A família ficou menor, atomizou-se, as fontes afetivas ficaram distantes, *tia*, absurdamente, passou a ser a professora.

A desintegração da família tradicional e extensiva, mais o fato da mulher ir estudar ou trabalhar, de certa forma comprometeu a educação familiar. Sem a segurança da tradição dos costumes, sem o apoio direto dos mais velhos, assustados com a responsabilidade de educar os filhos, mães e pais estão levando as crianças cada vez mais cedo para o sistema educacional, para berçários, creches, jardins-de-infância, pré-escolas. E tentando transferir a responsabilidade da educação familiar, o que é impossível.

A formação e a educação da criança exigem a atenção direta, a participação, a compreensão dos pais. O lento movimento que a criança faz para deixar de viver pelo princípio do prazer e adotar o princípio da realidade exige a participação da mãe e do pai, ou esse desenvolvimento será prejudicado. O princípio do prazer é primitivo, faz com que ela queira a satisfação imediata e completa dos seus desejos, sem levar em conta as conseqüências. Educar é ajudá-la a progredir em direção ao princípio da realidade, e fazê-la tomar consciência de que às vezes é preciso adiar a satisfação, em troca de vantagens de maior alcance e importância; é ajudá-la a desenvolver controles, a adaptar-se a exigências que lhe são feitas, a conquistar maturidade e uma identidade.

Os seis primeiros anos de vida são chamados "os anos mágicos" porque até essa idade a criança é um ser mágico, no sentido psicológico. A concepção que ela tem do mundo é mágica; ela acredita que os seus pensamentos e ações é que provocam os acontecimentos. Para tomar conhecimento do mundo e desembaraçar-se do pensamento primitivo, toda criança precisa de apoio e compreensão, precisa de pai e mãe.

Além disso, as experiências da primeira infância marcam o desenvolvimento da personalidade, o desenvolvimento da confiança, da auto-estima, e a percepção de si mesma em relação aos outros. A qualidade do relacionamento com os pais é que quase sempre determina a interpretação das experiências futuras da criança, levando-a a olhar os acontecimentos da vida de acordo com aquelas noções que concebeu na infância. Boas experiências e uma visão positiva de si mesma e do seu mundo são indispensáveis para que a criança seja feliz e desenvolva-se bem. Sua capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, de superá-las e de relacionar-se com os outros dependerá muito dessa base.

Os anos mais importantes para o desenvolvimento da criança são os seis primeiros, porque formam a estrutura da personalidade e a base da sua

realização e tem direito a isso. O casamento já não é indispensável e o casamento sem amor tornou-se uma impossibilidade. Educar os filhos não figura, segundo as pesquisas de mercado, entre as atividades pretendidas da mulher contemporânea, embora entre as coisas que nunca deixaria de fazer esteja o cuidar dos filhos.

Com a verticalização das cidades perderam-se os quintais, a vizinhança, a solidariedade, o espaço das crianças. A família ficou menor, atomizou-se, as fontes afetivas ficaram distantes, ou, absurdamente, passaram a ser a professora.

A desintegração da família tradicional e extensiva, mais o fato da mulher ir estudar ou trabalhar, de certa forma comprometeram a educação familiar. Sem a segurança da tradição dos costumes, sem o apoio direto dos mais velhos, assustados com a responsabilidade de educar os filhos, mães e pais estão levando as crianças cada vez mais cedo para o sistema educacional, para berçários, creches, jardins-de-infância, pré-escolas. E tentando transferir a responsabilidade da educação familiar, o que é impossível.

A formação e a educação da criança exigem a atenção direta, a participação, a compreensão dos pais. O lento movimento que a criança faz para deixar de viver pelo princípio do prazer e adotar o princípio da realidade exige a participação da mãe e do pai, ou esse desenvolvimento será prejudicado. O princípio do prazer é primitivo, faz com que ela queira a satisfação imediata e completa dos seus desejos, sem levar em conta as consequências. Educar é ajudá-la a progredir em direção ao princípio da realidade, e fazê-la tomar consciência de que às vezes é preciso adiar a satisfação, em troca de vantagens de maior alcance e importância; é ajudá-la a desenvolver controles, a adaptar-se a exigências que lhe são feitas, a conquistar maturidade e uma identidade.

Os seis primeiros anos de vida são chamados "os anos mágicos" porque até essa idade a criança é um ser mágico, no sentido psicológico. A concepção que ela tem do mundo é mágica; ela acredita que os seus pensamentos e ações é que provocam os acontecimentos. Para tomar conhecimento do mundo e desembaraçar-se do pensamento primitivo, toda criança precisa de apoio e compreensão, precisa de pai e mãe.

Além disso, as experiências da primeira infância marcam o desenvolvimento da personalidade, o desenvolvimento da confiança, da auto-estima, e a percepção de si mesma em relação aos outros. A qualidade do relacionamento com os pais é que quase sempre determina a interpretação das experiências futuras da criança, levando-a a olhar os acontecimentos da vida de acordo com aquelas noções que concebeu na infância. Boas experiências e uma visão positiva de si mesma e do seu mundo são indispensáveis para que a criança seja feliz e desenvolva-se bem. Sua capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, de superá-las e de relacionar-se com os outros dependerá muito dessa base.

Os anos mais importantes para o desenvolvimento da criança são os seis primeiros, porque formam a estrutura da personalidade e a base da sua

personalidade, em torno das suas experiências, do relacionamento com os pais e da imagem que ela faz de si mesma.

Para ter uma oportunidade justa de desenvolver-se normalmente e de ser feliz, é preciso que a maior parte das experiências infantis seja positiva. Isto não significa ser mimada, ter os seus desejos todos atendidos, não ter regras ou limites. Ao contrário, crianças sem limites são, geralmente, infelizes. Mas significa que a criança pode contar sempre com o carinho, com a atenção, com o apoio, com o incentivo, com o estímulo e a compreensão dos pais.

Educar é, exatamente, dar à criança as melhores condições para que ela se desenvolva física, mental, intelectual e afetivamente, explorando suas potencialidades para ter uma oportunidade justa de ser feliz. É um processo que deve acompanhar cada fase do desenvolvimento da criança, segundo as suas necessidades.

O papel da pré-escola é dar a maior contribuição possível para o processo, instrumentalizando a criança e atraindo mães e pais para a responsabilidade e importância da educação familiar. Não há, infelizmente, escolas de pais, e é na pré-escola que os pais podem aprender a responsabilidade da maternidade e da paternidade, ativando o contrato entre pais e filhos.

Os pais acreditam que os filhos devem a eles amor, respeito e obediência, quase por direito divino. Mas muitos não percebem que há um contrato natural entre pais e filhos, e que em troca eles também devem amor, respeito e atenção.

Educar, no primeiro ano de vida, é transmitir confiança. Nenhuma criança nasce confiante ou desconfiada: isso ela aprende. E o aprendizado é toda sorte de experiência que ela passa, desde o nascimento. Se o bebê se sentir protegido, seguro, querido, se os pais são tranquilos e carinhosos, se suas necessidades básicas são satisfeitas, ele aprende a confiar. Ao contrário, se a experiência de vida é ruim, se ele não recebe carinho e atenção, se não tem liberdade, se os pais não confiam nele, se são tensos e angustiados, é quase certo que ele crescerá inseguro e desconfiado. Crianças desconfiadas raramente confiam em si mesmas, experimentam menos, arriscam menos, aprendem menos e mais devagar, desenvolvem-se com mais dificuldade e mais lentamente.

Quando o bebê cresce e começa a movimentar-se, engatinhando, continuamos a dar atenção e carinho, mas é hora de acrescentar liberdade e de dar-lhe apoio. Ele precisa perceber que tem liberdade de movimentos, que pode experimentar, que tem o direito de conquistar o seu espaço e que acreditamos na sua potencialidade para engatinhar, ficar de pé, tentar os primeiros passos, sem ser super protegido e impedido de crescer.

É quando a criança começa a andar e falar que entramos na terceira fase da educação, dando amor, atenção, liberdade, apoio e começando a cuidar da autonomia e das regras de comportamento. Quanto mais autonomia concedemos

personalidade, em torno das suas experiências, do relacionamento com os pais e da imagem que ela faz de si mesma.

Para ter uma oportunidade justa de desenvolver-se normalmente e de ser feliz, é preciso que a maior parte das experiências infantis seja positiva. Isto não significa ser mimada, ter os seus desejos todos atendidos, não ter regras ou limites. Ao contrário, crianças sem limites são, geralmente, infelizes. Mas significa que a criança pode contar sempre com o carinho, com a atenção, com o apoio, com o incentivo, com o estímulo e a compreensão dos pais.

Educar é, exatamente, dar à criança as melhores condições para que ela se desenvolva física, mental, intelectual e afetivamente, explorando suas potencialidades para ter uma oportunidade justa de ser feliz. É um processo que deve acompanhar cada fase do desenvolvimento da criança, segundo as suas necessidades.

O papel da pré-escola é dar a maior contribuição possível para o processo, instrumentalizando a criança e ajudando mães e pais para a responsabilidade e importância da educação familiar. Não há, inteiramente, escolas de pais, e na pré-escola que os pais podem aprender a responsabilidade da maternidade e da paternidade, ajudando o contato entre pais e filhos.

Os pais acreditam que os filhos devem a eles amor, respeito e obediência, quase por direito divino. Mas muitos não percebem que há um contrato natural entre pais e filhos, e que em troca eles também devem amor, respeito e atenção.

Educar, no primeiro ano de vida, é transmitir confiança. Nenhuma criança nasce confiante ou desconfiada: isso ela aprende. E o aprendizado é toda sorte de experiências que ela passa, desde o nascimento. Se o bebê se sentir protegido, seguro, querido, se os pais são tranqüilos e carinhosos, se suas necessidades básicas são satisfeitas, ele aprende a confiar. Ao contrário, se a experiência de vida é ruim, se ele não recebe carinho e atenção, se não tem liberdade, se os pais não confiam nele, se são tensos e angustados, é quase certo que ele cresça inseguro e desconfiado. Crianças desconfiadas raramente confiam em si mesmas, experimentam menos, arriscam menos, aprendem menos e mais devagar, desenvolvem-se com mais dificuldade e mais lentamente.

Quando o bebê cresce e começa a movimentar-se, engatinhando, continuamos a dar atenção e carinho, mas é hora de acrescentar liberdade e de dar-lhe apoio. Ele precisa perceber que tem liberdade de movimentos, que pode experimentar, que tem o direito de conquistar o seu espaço e que acreditamos na sua potencialidade para engatinhar, ficar de pé, tentar os primeiros passos, sem ser super protegido e impedido de crescer.

Quando a criança começa a andar e falar que entramos na terceira fase da educação, dando amor, atenção, liberdade, apoio e começando a cuidar da autonomia e das regras de comportamento. Quanto mais autonomia concedemos

à criança melhor para ela, que pode experimentar mais, aprender com os insucessos, ter mais responsabilidade. As regras precisam ser justas, claras, coerentes e consistentes, isto é valerem igualmente para a mãe e o pai e valerem sempre, para não confundir a criança.

Bettelheim escreveu que “educar é amar” e que “mentir é deseducar completamente”. Uma relação sadia entre pais e filhos se faz principalmente pelo exemplo e sem mentiras, inclusive nos pequenos acontecimentos do dia-a-dia. Ter frustrações e aprender a vencê-las faz parte da educação da criança para a vida e ninguém pode crescer confiante em meio à desconfiança e a mentira.

Educar não é superproteger, não é criar dando à criança poucas oportunidades de resolver seus próprios problemas. Sem liberdade, autonomia e oportunidades de experimentar, ela não pode desenvolver uma boa auto-imagem e ter auto-estima. Toda criança precisa gostar de si mesma para desenvolver-se e de ter limites. Sem limites justos, claros, firmes, a criança fica insegura, tanto física quanto emocionalmente, sentindo-se desamparada e até abandonada. Restrições justas não prejudicam o amor, enquanto a omissão é sempre prejudicial, porque diminui o afeto e a segurança. A criança enfrentará e tentará romper os limites apenas porque está procura assegurar-se deles, de sua validade e extensão.

No entanto, educar com limites não é o mesmo que reprimir. Quando a criança ouve sucessivos *nãos* e *não pode*, a cada atitude que toma, eles vão gradativamente perdendo importância e efeito. Dizer *não* é necessário para que a criança seja protegida, não corra riscos desnecessários, não se machuque, para evitar que rompa uma regra ou um limite. Mas é preciso falar em tom normal, com firmeza mas sem alarme ou agressividade. A criança precisa aprender a ouvir, entender e respeitar o *não*, percebendo na negativa uma advertência, um reforço e não um grito que impõe e impede.

Educar é comunicar e, na maior parte das vezes essa comunicação tem sido ruim, ineficaz e até prejudicial à criança. “*A arte de educar*” escreve Maria Tereza Maldonado, consiste sobretudo na possibilidade dos pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho já quase adulto”.

Educar é administrar ansiedades, conflitos, resistências, dificuldades. O problema é que as pessoas estudam anos para ter uma profissão, mas acreditam que para educar filhos não é preciso uma preparação. Esse é um dos muitos mitos da educação e os mitos não ajudam, antes atrapalham. Cada etapa do desenvolvimento da criança traz dificuldades e conflitos próprios dessa fase. A criança tem dificuldade de dormir, ou tem problema com o escuro, ou não come, ou é excessivamente possessiva, ou não suporta ficar só. É preciso enfrentar cada situação sabendo porque ela ocorre, com paciência e compreensão. Toda fase

à criança melhor para ela, que pode experimentar mais, aprender com os insucessos, ter mais responsabilidade. As regras precisam ser justas, claras, coerentes e consistentes, isto é, valerem igualmente para a mãe e o pai e valerem sempre, para não confundir a criança.

Bettelheim escreveu que "amor é amor" e que "mentir é desobediência". Uma relação sadia entre pais e filhos se faz principalmente pelo exemplo e sem mentiras, inclusive nos pequenos acontecimentos do dia-a-dia. Ter regras e aprender a vencê-las faz parte da educação da criança para a vida e ninguém pode crescer confiante em meio à desconfiança e a mentira.

Educar não é superproteger, não é criar dando à criança poucas oportunidades de resolver seus próprios problemas. Sem liberdade, autonomia e oportunidades de experimentar, ela não pode desenvolver uma boa auto-estima e ter auto-estima. Toda criança precisa gostar de si mesma para desenvolver-se e de ter limites. Sem limites justos, claros, firmes, a criança fica insegura, tanto física quanto emocionalmente, sentindo-se desamparada e até abandonada. Restrições justas não prejudicam o amor, enquanto a omissão é sempre prejudicial, porque diminui o afeto e a segurança. A criança entretém e tenta romper os limites apenas porque está procurando assegurar-se deles, de sua validade e extensão.

Não entanto, educar com limites não é o mesmo que reprimir. Quando a criança ouve sucessivos não e não pode a cada atitude que toma, eles vão gradativamente perdendo importância e efeito. Dizer não é necessário para que a criança seja protegida, não com regras desnecessárias, não se machucando, para evitar que tompe uma regra ou um limite. Mas é preciso falar em tom normal, com firmeza mas sem alarme ou agressividade. A criança precisa aprender a ouvir, entender e respeitar o não, percebendo na negativa uma advertência, um reforço e não um grito que impõe e impede.

Educar é comunicar e, na maior parte das vezes essa comunicação tem sido ruim, incerta e até prejudicial à criança. "A arte de amar" escreve Maria Tereza Malbondado, consiste sobretudo na possibilidade dos pais crescerem junto com cada filho, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebê ao passo para a crescente autonomia e independência do filho já quase adulto.

Educar é administrar ansiedades, conflitos, resistências, dificuldades. O problema é que as pessoas estudam anos para ter uma profissão, mas acreditam que para educar filhos não é preciso uma preparação. Esse é um dos muitos mitos da educação e os mitos não ajudam, antes atrapalham. Cada etapa do desenvolvimento da criança traz dificuldades e conflitos próprios dessa fase. A criança tem dificuldade de dormir, ou tem problemas com o escuro, ou não come, ou é excessivamente possessiva, ou não suporta ficar só. É preciso enfrentar cada situação sabendo porque ela ocorre, com paciência e compreensão. Toda fase

passa, mas é preciso saber lidar com o desenvolvimento emocional para que o xixi na cama não se torne crônico, por exemplo.

A vida da criança já é cheia de problemas, de ameaças reais e imaginárias e é uma covardia do adulto assustá-la com mais ameaças. Principalmente com a pior de todas, a mais covarde, que é a perda de afeto. Dizer uma criança que não vai mais gostar dela é absolutamente insuportável, porque tudo o que ela mais quer é ser amada, principalmente pelos pais, e tudo o que ela faz é para merecer esse amor. A ameaça de perder o afeto é uma chantagem emocional contra o próprio filho. Além disso, não existe ameaça educacional, como também não existe violência educativa. Ameaças repetidas só aumentam a insegurança, a agressividade e o mau comportamento, enquanto a violência só educa para a violência.

O modo como os pais (e professores) comunicam-se com a criança provoca sempre uma resposta "*de espelho*". Se o adulto grita, a criança grita, se é calmo e educado a criança provavelmente será calma e educada; pais impacientes não podem esperar que os filhos sejam pacientes; e assim por diante.

Outra observação importante: cedo ou tarde a criança vai descobrir e tocar em um ponto fraco da mãe, do pai, da professora, e descobrir alguma coisa, um comportamento, por exemplo, que é capaz de irritar muito, que provoca, que ofende, que é intolerável, inaceitável. Identifique a ação e reaja apenas informando à criança sobre o seu total desagrado a respeito. Procure entender também que a origem do seu desagrado talvez seja um problema seu, uma cicatriz que a criança está coçando.

Educar também é ser paciente. Há toda uma rede de pressupostos, mitos, fantasias, irracionalidades, desejos e imagens ilusórias que podem comprometer o relacionamento correto de pais e filhos ou de professores com a criança. Presos a ela criamos um cenário irreal e queremos que a criança se mova dentro dele de acordo com os nossos desejos, limitações e necessidades. Quando isso não acontece, porque não pode acontecer, ficamos frustrados, acreditando que a culpa é da criança, é nossa, ou dos dois. Em qualquer caso isso não é bom. Para ser uma boa mãe, um bom pai, uma boa professora ou um bom professor é preciso estar livre dos preconceitos e das falsas imagens, estar o mais informado possível, para não bater de frente nas crises. É preciso ser paciente com a criança e conosco, generoso com a criança e conosco.

E atenção: há muitas visões da educação infantil e muitas delas podem ser corretas e válidas, ao mesmo tempo. O problema, como escreveu Roger Gold, é que "*as pesquisas e regras de educação ainda não vêm com data de validade*".

Um dia ruim, cansaço, problemas econômicos, decepção, má saúde, frio ou calor excessivo, poluição, barulho, engarrafamento, há uma série de fatores e circunstâncias que nos afetam diariamente, abalam nossa paciência, que nos deixam irritados ou deprimidos e pouco compreensivos. Não é fácil, com tudo isso, ainda ter paciência para aturar uma criança.

violência e o mau comportamento, enquanto a violência só educa para a agressividade e o mau comportamento, enquanto a violência só educa para a existência educacional. Além disso, não existe ameaça educacional, como também não esse amor. A ameaça de perder o afeto é uma mudança emocional contra o que é ser amado, principalmente pelos pais, e tudo o que ela faz é para manter a sua mais gostar dela é absolutamente insuperável, porque tudo o que ela não quer de todas, a mais covarde, que é a perda de afeto. Dizer uma criança que não é uma covarde do adulto assustá-la com mais ameaças. Principalmente com a A vida da criança já é cheia de problemas, de ameaças reais e imaginárias e na cama não se toma crônico, por exemplo.

passa, mas é preciso saber lidar com o desenvolvimento emocional para que o xixi

que a criança está fazendo.

também que a origem do seu desajuste talvez seja um problema seu, uma criança informando à criança sobre o seu total desajuste a respeito. Procure entender o comportamento, por exemplo, que é capaz de irritar muito, que provoca, que em um ponto fraco da mãe, do pai, do professor, e descobrir alguma coisa, um não podem esperar que os filhos sejam pacientes; e assim por diante.

calmo e educado a criança provavelmente será calma e educada; pais impacientes provoca sempre uma resposta "de rebeldia". Se o adulto grita, a criança grita, se é O modo como os pais (e professores) comunicam-se com a criança

conosco, generoso com a criança e conosco.

para não bater de frente nas crises. É preciso ser paciente com a criança e estar livre dos preconceitos e das falsas imagens, estar o mais informado possível, uma boa mãe, um bom pai, uma boa professora ou um bom professor é preciso é da criança é nossa, ou dos dois. Em qualquer caso isso não é bom. Para ser acorde com os nossos desejos, limitações e necessidades. Quando isso não ela criamos um cenário ideal e queremos que a criança se mova dentro dele de relacionamento correto de pais e filhos ou de professores com a criança. Pressos a fantasias, intencionalidades, desejos e imagens ilusórias que podem comprometer o Educar também é ser paciente. Há toda uma rede de pressupostos, mitos,

isso, ainda ter paciência para atuar uma criança.

deixam irritados ou deprimidos e pouco compreensivos. Não é fácil, com tudo circunstâncias que nos afetam diretamente, apalham nossa paciência, que nos ou calor excessivo, poluição, barulho, engarrafamento, há uma série de fatores e Um dia ruim, cansaço, problemas econômicos, decepção, má saúde, frio que "as palavras e regras de educação ainda não vêm com data de validade".

corretas e válidas, ao mesmo tempo. O problema, como escreveu Roger Gold, é E atenção: há muitas visões da educação infantil e muitas delas podem ser

passa, mas é precisa saber lidar com o desenvolvimento emocional para que o xixi na cama não se torne crônico, por exemplo.

A vida da criança já é cheia de problemas, de ameaças reais e imaginárias e é uma covardia do adulto assustá-la com mais ameaças. Principalmente com a pior de todas, a mais covarde, que é a perda de afeto. Dizer uma criança que não vai mais gostar dela é absolutamente insuportável, porque tudo o que ela mais quer é ser amada, principalmente pelos pais, e tudo o que ela faz é para merecer esse amor. A ameaça de perder o afeto é uma chantagem emocional contra o próprio filho. Além disso, não existe ameaça educacional, como também não existe violência educativa. Ameaças repetidas só aumentam a insegurança, a agressividade e o mau comportamento, enquanto a violência só educa para a violência.

O modo como os pais (e professores) comunicam-se com a criança provoca sempre uma resposta "*de espelho*". Se o adulto grita, a criança grita, se é calmo e educado a criança provavelmente será calma e educada; pais impacientes não podem esperar que os filhos sejam pacientes; e assim por diante.

Outra observação importante: cedo ou tarde a criança vai descobrir e tocar em um ponto fraco da mãe, do pai, da professora, e descobrir alguma coisa, um comportamento, por exemplo, que é capaz de irritar muito, que provoca, que ofende, que é intolerável, inaceitável. Identifique a ação e reaja apenas informando à criança sobre o seu total desagrado a respeito. Procure entender também que a origem do seu desagrado talvez seja um problema seu, uma cicatriz que a criança está coçando.

Educar também é ser paciente. Há toda uma rede de pressupostos, mitos, fantasias, irracionalidades, desejos e imagens ilusórias que podem comprometer o relacionamento correto de pais e filhos ou de professores com a criança. Presos a ela criamos um cenário irreal e queremos que a criança se mova dentro dele de acordo com os nossos desejos, limitações e necessidades. Quando isso não acontece, porque não pode acontecer, ficamos frustrados, acreditando que a culpa é da criança, é nossa, ou dos dois. Em qualquer caso isso não é bom. Para ser uma boa mãe, um bom pai, uma boa professora ou um bom professor é preciso estar livre dos preconceitos e das falsas imagens, estar o mais informado possível, para não bater de frente nas crises. É preciso ser paciente com a criança e conosco, generoso com a criança e conosco.

E atenção: há muitas visões da educação infantil e muitas delas podem ser corretas e válidas, ao mesmo tempo. O problema, como escreveu Roger Gold, é que "*as pesquisas e regras de educação ainda não vêm com data de validade*".

Um dia ruim, cansaço, problemas econômicos, decepção, má saúde, frio ou calor excessivo, poluição, barulho, engarrafamento, há uma série de fatores e circunstâncias que nos afetam diariamente, abalam nossa paciência, que nos deixam irritados ou deprimidos e pouco compreensivos. Não é fácil, com tudo isso, ainda ter paciência para aturar uma criança.

passa, mas é preciso saber lidar com o desenvolvimento emocional para que o xixi na cama não se torne crônico, por exemplo.

A vida da criança já é cheia de problemas, de ameaças reais e imaginárias e é uma covardia do adulto assustá-la com mais ameaças. Principalmente com a pior de todas, a mais covarde, que é a perda de afeto. Dizer uma criança que não vai mais gostar dela é absolutamente insuportável, porque tudo o que ela mais quer é ser amada, principalmente pelos pais, e tudo o que ela faz é para merecer esse amor. A ameaça de perder o afeto é uma chantagem emocional contra o próprio filho. Além disso, não existe ameaça educacional, como também não existe violência educacional. Ameaças repetidas só aumentam a insegurança, a agressividade e o mau comportamento, enquanto a violência só educa para a violência.

O modo como os pais (e professores) comunicam-se com a criança provoca sempre uma resposta "de volta". Se o adulto grita, a criança grita, se é calma e educada a criança provavelmente será calma e educada; pais impacientes não podem esperar que os filhos sejam pacientes; e assim por diante.

Outra observação importante: cedo ou tarde a criança vai descobrir e tocar em um ponto fraco da mãe, do pai, da professora, e descobrir alguma coisa, um comportamento, por exemplo, que é capaz de irritar muito, que provoca, que ofende, que é intolerável, insuportável. Identifique a ação e reaja apenas informando à criança sobre o seu total desagrado a respeito. Procure entender também que a origem do seu desagrado talvez seja um problema seu, uma criança que a criança está coçando.

Educar também é ser paciente. Há toda uma rede de pressupostos, mitos, fantasias, irracionalidades, desejos e imagens ilusórias que podem comprometer o relacionamento correto de pais e filhos ou de professores com a criança. Pressos a ela criamos um cenário ideal e queremos que a criança se mova dentro dele de acordo com os nossos desejos, limitações e necessidades. Quando isso não acontece, porque não pode acontecer, ficamos frustrados, acreditando que a culpa é da criança, é nossa, ou dos dois. Em qualquer caso isso não é bom. Para ser uma boa mãe, um bom pai, uma boa professora ou um bom professor é preciso estar livre dos preconceitos e das falsas imagens, estar o mais informado possível, para não bater de frente nas crises. É preciso ser paciente com a criança e conosco, generoso com a criança e conosco.

É atenção: há muitas visões da educação infantil e muitas delas podem ser corretas e válidas, ao mesmo tempo. O problema, como escreveu Roger Gold, é que "as pesquisas e teorias de educação ainda não têm um data de validade".

Um dia ruim, cansaço, problemas econômicos, decepção, má saúde, frio ou calor excessivo, poluição, barulho, exageradamente, há uma série de fatores e circunstâncias que nos afetam diretamente, abalam nossa paciência, que nos deixam irritados ou deprimidos e pouco compreensivos. Não é fácil, com tudo isso, ainda ter paciência para atuar uma criança.

E para ela? O dia-a-dia da criança não é mais fácil e muitas coisas que acontecem com ela podem fazer com que fique impaciente, irritada, emocionalmente ausente.

Quando as duas situações ocorrem simultaneamente, a crise é praticamente inevitável. Evidentemente, o melhor é evitá-la, mas não sendo possível é preciso saber como minimizar suas conseqüências, entendendo o nosso comportamento e o porquê, assim como o comportamento da criança e os seus porquês. É importante saber que as crises acontecem, tomarão a acontecer e que o melhor é aprender a conviver com as que não pudermos evitar. Não haverá prejuízo sério para a convivência ou para a criança, a não ser que a crise seja durável, que as crises sejam cada vez mais freqüentes e mais graves. Porque aí o sentimento de culpa será inevitável e a criança entenderá que a autoridade da mãe, do pai, da professora ou do professor está abalado.

Hoje, o papel da pré-escola já não se limita mais a educar crianças, a dar a elas as melhores condições de desenvolver suas potencialidades. Tão importante quanto isto é o seu papel de extensão: atrair pai e mãe, comprometê-los, tomá-los participantes, educá-los para educar a criança apropriadamente, criando um ambiente para que ela seja feliz. Porque a educação só é bem sucedida se é capaz de fazer uma criança feliz.

E para elas? O dia-a-dia da criança não é mais fácil e muitas coisas que acontecem com ela podem fazer com que fique impaciente, irritada, emocionalmente ausente.

Quando as duas situações ocorrem simultaneamente, a crise é praticamente inevitável. Evidentemente, o melhor é evitá-la, mas não sendo possível é preciso saber como minimizar suas consequências, entendendo o nosso comportamento e o porquê, assim como o comportamento da criança e os seus porquês. É importante saber que as crises acontecem, portanto, a acontecer e que o melhor é aprender a conviver com as que não podemos evitar. Não haverá preciso ser para a convivência ou para a criança, a não ser que a crise seja durável, que as crises sejam cada vez mais frequentes e mais graves. Porque aí o sentimento de culpa será inevitável e a criança entenderá que a autoridade da mãe, do pai, da professora ou do professor está abalada.

Hoje, o papel da pré-escola já não se limita mais a educar crianças, a dar a elas as melhores condições de desenvolver suas potencialidades. Também importante quanto isto é o seu papel de extensor: atrair pai e mãe, comprometer os pais, torná-los participantes, educá-los para educar a criança apropriadamente, criando um ambiente para que ela seja feliz. Porque a educação só é bem sucedida se é capaz de fazer uma criança feliz.